

EXPLORAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA - MOBILIZAÇÕES E TRAJETÓRIAS DE LUTAS

Saionara Bonfim Santos¹

RESUMO: *O presente texto destaca como análise os processos de desenvolvimento da Revolução Industrial a partir do século XVII, sinaliza as transformações sociais nas relações de produção e reprodução social com a consolidação do sistema capitalista, sobretudo no século XIX, enfatizando a "desarticulação social" causadora das profundas desigualdades entre ricos e pobres, geradora da pauperização da classe trabalhadora, sendo a classe dominante burguesa detentora da riqueza acumulada ao longo dos séculos seguintes, com a exploração dos trabalhadores, expropriados dos seus meios de produção e da sua força de trabalho. Diante de um cenário desolador para os menos favorecidos, diversos movimentos espontâneos e organizados com a finalidade de buscar melhores condições de vida e trabalho. Apresenta-se também, um panorama dos processos organizativos em Associações Internacionais de Trabalhadores, dos Movimentos Sociais clássicos sindicais no Brasil, destacando por fim, os Movimentos pela Libertação Nacional na América Latina.*

Palavras Chave: Trajetórias. Exploração da força de trabalho. Movimentos de Luta. Classe Trabalhadora.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto destaca como análise, os processos de desenvolvimento da Revolução Industrial a partir do século XVII, sinaliza as transformações sociais nas relações de produção e reprodução social com a consolidação do sistema capitalista, sobretudo no século XIX, enfatizando a "desarticulação social" causadora das profundas desigualdades entre ricos e pobres, geradora da pauperização da classe trabalhadora, sendo a classe dominante burguesa detentora da riqueza acumulada ao longo dos séculos seguintes, com a exploração dos trabalhadores, expropriados dos seus meios de produção e da sua força de trabalho.

O texto a seguir apresenta a seguinte disposição, além desta introdução, dois capítulos, no primeiro tópico "Consolidação do sistema capitalista e o processo de exploração da classe trabalhadora" nesta análise se apresentam fatos históricos de autores clássicos para desvelar as transformações ocorridas nas relações sociais, políticas e econômicas com o advento do referido sistema, destaca-se as análises de Polany, Marx, Engels, Netto, Meszários, dentre outros.

No terceiro capítulo, intitulado "Trajetórias de Lutas dos Trabalhadores e Mobilizações Sociais" neste tópico serão apresentadas pesquisas de Montano e Duriguetto sobre os "Movimentos de Classe (Sindical) e Movimentos de Libertação Nacional", destacando fatos e processos organizativos que marcam as trajetórias e lutas dos trabalhadores na Europa Ocidental, palco da Revolução Industrial e concretização do sistema capitalista, apresenta um panorama da

¹ Licenciada em História. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. Membro do Grupo de Pesquisa: Movimentos Sociais, Direitos e Políticas Sociais - UCSal, coordenado pela Assistente Social, Doutora em Serviço Social, pesquisadora Mari Aparecida Bortoli.

organização sindical dos trabalhadores brasileiros, por fim aborda alguns movimentos de trabalhadores na América Latina.

Apresenta no quarto tópico, as considerações finais, destacando a importância de estudar os processos históricos para desenvolver um olhar desvelador sobre o sistema econômico que foi implantado pela classe dominante e transformou completamente as relações de vida e labor das classes trabalhadoras, ressalta a relevância de pesquisar as mobilizações sociais de trabalhadores ao longo da história partindo de uma teoria social crítica reveladora da ordem vigente, que promove a desigualdade social e pauperiza os trabalhadores provocando a "desarticulação social". Ressalta ainda, que as conquistas e direitos são acontecem quando os conflitos e interesses encontra-se em pauta, desenvolvendo mobilizações politizadas e consciente da centralidade do trabalho nas relações sociais no sistema vigente.

2. CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA CAPITALISTA E O PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Com o processo de desenvolvimento do sistema capitalista desde o século XVII, na Europa Ocidental, a vida das pessoas foram marcadas pelas transformações promovidas pelo advento do novo sistema econômico, sendo as relações sociais e de trabalho "desarticuladas", as riquezas produzidas seriam potencializadas por um "mercado autoregulável" numa economia de mercado², sendo as riquezas acumuladas pelas classes dominantes daquele período histórico, riquezas materializadas em "mercadorias fictícias: Trabalho, Terra e Dinheiro" (Polanyi, 2012, p. 73).

Polanyi em seu estudo "A grande transformação: as origens da nossa época" analisa o cenário social em que a população foi submetida após as novas relações de produção e reprodução social e de trabalho, denominando-o como "moinho satânico", enfatiza que " No coração da Revolução Industrial do século XVIII ocorreu um progresso miraculoso nos instrumentos de produção, o qual se fez acompanhar de uma catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns" (p. 2012, p. 36).

O referido autor destaca ainda que em nome do "puro progresso econômico" houve uma "desarticulação social" sem precedentes na história. Este autor apresenta um cenário desolador para a população comum, relata ainda o processo dos "cercamentos" onde as pessoas perderam suas casas, terras, seu meio de trabalho, e sua dignidade:

Os cercamentos foram chamados, de uma forma adequada, de revolução dos ricos contra os pobres. Os senhores e os nobres estavam perturbando a ordem social, destruindo as leis e os costumes tradicionais, às vezes pela violência, às vezes por pressão e intimidação. Eles literalmente roubavam o pobre na sua parcela de terras comuns, demolindo casas que até então, por força de antigos costumes, os pobres consideravam como suas e de seus herdeiros. O tecido social estava sendo destruído: aldeias abandonadas e ruínas de moradias

²A economia de mercado é um sistema econômico controlado, regulado e dirigido apenas por mercados; a ordem na produção e distribuição dos bens é confiada a esse mecanismo autorregulável. Uma economia desse tipo se origina da expectativa de que os seres humanos se comportem de maneira tal a atingir o máximo de ganhos monetários. (Polanyi, 2012, p. 73).

humanas testemunhavam a ferocidade da revolução, ameaçando as defesas do país, depredando suas cidades, dizimando sua população, transformando seu solo sobrecarregado em poeira, atormentando seu povo e transformando-o de homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões. (2012, p. 37).

O processo de pauperização, indigência e miséria em que a população comum foi submetida chamou à atenção mesmo dos pensadores mais liberais. Ivo ao pesquisar o clássico Tocqueville em seu texto "*Mémoire sur le Paupérisme*" identifica o debate sobre "socorro aos pobres", o mesmo autor em viagem pelos países capitalistas revela um cenário em que os países mais ricos e avançados no novo modo de produção, são os que mais apresentam pobres em situação extrema:

O autor inicia sua análise mostrando o paradoxo inerente ao desenvolvimento capitalista dos diversos países da Europa (Inglaterra, Portugal, Espanha, França): o desenvolvimento econômico elevado dos países aumenta o número daqueles indivíduos que recorrerem à caridade; enquanto que os países com aparência mais "miserável" têm menos "indigentes": Quando se percorre os diversos lugares da Europa ficamos espantados com um espetáculo extraordinário e aparentemente inexplicável. Os países que parecem mais miseráveis são aqueles que, na realidade, contam com menos indigentes e, nos povoados cuja opulência admirais, parte da população é obrigada a recorrer à dádiva do outro para viver. (p. 117). (Ivo, p. 5).

Ao longo da história identifica-se que a desigualdade social não é um processo inaugurado com a consolidação do sistema capitalista, Marx e Engels em seu texto "Manifesto do Partido Comunista de 1848" destaca que as divergências de interesses antagônicos entre "ricos e pobres", percorrem as sociedades em épocas longínquas "Na Roma antiga temos patrícios, guerreiros, plebeus e escravos; Na Idade Média Senhores feudais, vassallos, membros de corporações, artesãos e servos; além disso, em todas as classes, novas subdivisões".(2008, p.8).Ou seja, "opressores e oprimidos".

Marx e Engels afirmam que "A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas" (Idem p. 9). Instaura nesse processo novas formas de exploração do trabalhador³ e acumulação das riquezas produzidas.

Este processo de exploração da força de trabalho das classes dominadas pelas classes dominantes, marcará um cenário desolador na vida do trabalhador como contextualiza Ianni "Esse é um contexto em que o emprego, desemprego, subemprego e pauperização se tornam realidade cotidiana na vida dos trabalhadores" (2004, p. 107). Netto complementa que "{...} as manifestações imediatas da "questão social" forte desigualdade, desemprego, fome, doenças, penúria, desamparo" (2000, p. 43).

O cenário de precarização e flexibilização contemporâneo apresentando por Bourdieu no final da década de 90 ainda é latente nos anos 2000, com a grande ofensiva neoliberal, o referido

³ Sobre este o processo de trabalho e processo de Produzir Mais valia ler Karl, Marx. O capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Livro I. Páginas: 201-223. (Acesso WWW. Marxists.org).

autor afirma que os efeitos desse processo de desestruturação está em “toda parte e atinge a todos” e relata:

Constata-se claramente que a precariedade está hoje por toda parte. No setor privado, mas também no setor público, onde empresas industriais e também nas instituições de produção e difusão cultural, educação, jornalismo, meios de comunicação etc., onde ela produz efeitos sempre mais ou menos idênticos, que se tornam particularmente visíveis no caso extremo, dos desempregados: a desestruturação da existência, privada, entre outras coisas, de suas estruturas temporais, e a degradação de toda relação com o mundo e, como consequência, com o tempo e o espaço. A precariedade está afeta profundamente qualquer homem ou mulher exposto a seus efeitos; tornando o futuro incerto, ela impede qualquer antecipação racional e, especialmente, esse mínimo de crença e de esperança no futuro que é preciso ter para se revoltar, sobretudo coletivamente contra o presente, mesmo o mais intolerável. (1998, p. 120).

Mészáros ao analisar o cenário de “Desemprego e precarização como grande desafio para os governos de esquerda” aborda os seguintes pontos para reflexão e desvelamento da reestruturação do capital, diante as novas estratégias de exploração do trabalho e acumulação:

- 1) A “globalização” do desemprego e do “trabalho temporário” afeta até mesmo o mundo capitalista mais desenvolvido.
- 2) O mito da “flexibilidade” é uma maneira de dourar a pílula. Na realidade, estamos nos referindo a uma grave tendência socioeconômica de equalização descendente da taxa de exploração diferencial.
- 3) Uma solução possível aos problemas que enfrentamos é mudar das trocas socioeconômicas reguladas pela submissão à tirania do “tempo de trabalho necessário” (também chamado “trabalho necessário”) e à emancipação por meio “tempo disponível”, como uma alternativa ao modo de reprodução sociometabólica do capital”. (2006, p. 27-28).

Evidencia-se nas pesquisas apresentadas, que o cenário perturbador em que a classe trabalhadora foi acometida com o advento do sistema capitalista e a acumulação da riqueza pelas classes dominantes, em detrimento dos menos favorecidos. Diante disto, as classes trabalhadoras irão se mobilizar e buscar melhores condições de vida e de trabalho, estes irão enfrentar a burguesia e seus instrumentos de exploração, por meio de processos organizativos, revelando e marcando a história, reafirmando que os direitos foram conquistados coletivamente em contraposição ao individualismo liberal propagado pelo "moinho satânico" (Polany).

3. TRAJETÓRIAS DE LUTAS DOS TRABALHADORES E MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

No capítulo anterior, foram apresentadas as condições de vida e de labor em que foram submetidas a classe trabalhadora com o advento do sistema capitalista, neste terceiro capítulo, serão apresentadas pesquisas de Montano e Duriguetto sobre os "Movimentos de Classe (Sindical) e Movimentos de Libertação Nacional", destacando fatos e processos organizativos que marcam as trajetórias e Lutas dos Trabalhadores na Europa Ocidental, palco da Revolução Industrial, no Brasil, por fim aborda alguns movimentos de trabalhadores na América Latina.

Os autores supramencionados, inicialmente analisam os "Antecedentes das lutas dos trabalhadores":

Em meados do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial na Europa (de início na Inglaterra, depois, em outros países), foram desenvolvidas novas formas de produção e de organização do trabalho, marcando a passagem de manufatura para a indústria. Os trabalhadores passaram a ser concentrados em um espaço produtivo, sendo denominados de operários (por operarem máquinas). Assiste, aqui, à generalização do trabalho assalariado, novas e diversas formas de exploração e superexploração e a concentração do lucro nas mãos dos proprietários dos meios de produção. As jornadas de trabalho atingiam até 16 horas por dia, sendo recorrente a exploração do trabalho das mulheres e de crianças. As condições de trabalho e habitação não tinham o mínimo de salubridade. (2011, p. 227).

Diante de um cenário desfavorável de exploração da sua força de trabalho, a classe trabalhadora iniciará um "Germinal"⁴ de diferentes formas de organização e objetivos de luta como: *Ludismo* (destruição das máquinas); Conquista ao direito a livre associação (Parlamento inglês em 1824); Proliferação das *trade-unions* (associações sindicais); *Movimento Cartista* (reivindicações econômicas e políticas) "Carta do Povo" 1838. (Montano e Duriguetto, 2011, p. 228-229).

Ao passo em que os Movimentos Sindicalistas avançavam no enfrentamento as classes burguesas alcançavam: progressiva conquista das Leis Trabalhistas (Inglaterra e Alemanha); 8 horas; Fixação de níveis salariais; Descanso semanal remunerado; Proteção contra acidentes; Legislações sobre saúde e acidentes, dentre outros. (Idem, p. 229).

A classe trabalhadora potencializava seu alcance de luta em Associações Internacionais dos Trabalhadores, os autores sinalizam que a Primeira Internacional dos Trabalhadores (AIT, 1864-1876, foi uma organização política liderada por Marx e Engels, palco de divergências com as correntes anarquistas (Bakunin, Proudhon), contexto em que emerge a "Comuna de Paris", neste processo ocorre a *Constituição da classe operária num Partido Político*. Neste segmento ocorre a Segunda Internacional (1889-1914), essas ações contribuem para as associações internacionais se organizarem em partido de classe, neste momento Marx já havia falecido e quem lidera esse movimento é Engels, vale ressaltar que está acontecendo crise mundial do capitalismo, ao mesmo tempo em que há um crescimento dos partidos social-democratas (reformista) e um grande momento histórico a Revolução Russa 1917 (bolchevique) Momento de materializa-se do projeto socialista em um país. (Idem, p. 231-232).

Entre os anos de 1919-1943 ocorre "A Terceira Internacional – Internacional Comunista IC", , foi fundada por iniciativa dos bolcheviques, os comunistas passaram a ter noção pragmática que objetivava a revolução socialista, de orientação soviética, neste processo acontecem as disputas de poder Lênin, Stalin, Trotski. Em seguida acontece "A Quarta Internacional" organizada por Trotski em 1938, esta Internacional sofreu divisões internas, mas permanece até hoje articulada. (Idem, p. 233).

⁴ Germinal refere-se ao título do Filme de Émile Zolla que apresenta diversas estratégias e mobilizações dos trabalhadores nas minas de Carvão na França no século XIX, destacando ações socialistas, anarquistas, dentre outras.

3.1 Trajetórias e Lutas dos Trabalhadores no contexto brasileiro e Latino Americano

Montano e Duriguetto investigam sobre o Movimento Sindical no contexto da industrialização brasileira e apresentam um cenário de lutas dos trabalhadores partindo da República Velha (1889-1930), destacando como marco histórico a constituição do movimento operário da classe trabalhadora. Em 1900, a classe operária contava com 85 mil operários. No final da República Velha chega a 275mil. A produção industrial respondia por cerca de 5% da população empregada no país em 1872, chegando a 13,8% em 1920 (In: Matos, 2009, p. 36). A organização dos trabalhadores neste período tem influência dos operários imigrantes europeus que trazem da Europa as idéias anarquistas, diante desse movimento ocorrerá uma repressão dos governos oligárquicos em nome da “segurança nacional” ao passo em que cresce a organização dos trabalhadores. (Idem, 233-234).

Os autores supracitados sinalizam que primeira regulação da vida associativa operária no Brasil ocorre em 1907, sendo marco o direito de associação sindical para todas as profissões. Apresentam as Primeiras organizações: Associações de Socorro e Auxílio Mútuo, Ligas ou Uniões Operárias, Confederação Operária Brasileira colocava em pauta: Jornada de trabalho de 8 horas, melhorias salariais, férias, seguro contra acidente de trabalho; proibição do trabalho infantil; regularização do trabalho de mulheres e menores de idade; sufrágio universal (Idem, p. 234-235).

Dos fins do século XIX aos anos 20 três correntes políticas tiveram influência, em grau variável, na direção das organizações sindicais no Brasil, são elas: O Anarconssindicalismo que defendia uma sociedade sem classes e sem Estado, uma revolução do proletariado; Os Reformistas: rejeitavam a ideia dos sindicatos como órgãos revolucionários, defendiam a transformação gradativa da sociedade capitalista através da conquista de direitos “pressão sobre o Estado”; e os Sindicatos amarelos: defendia a conciliação entre capital e trabalho e a dependência em relação ao Estado (p. Idem, 235).

Neste processo, o Movimento sindical apresentam-se mais aguerridos, em contraponto há uma forte repressão estatal acontecendo fechamento de sindicatos, operários e militantes presos condenados, “somente em 1919, mais de cem militantes operários e ativistas políticos, de origem estrangeira, foram expulsos do país e até fuzilados (In: Giannoti, 2007, p. 102-103).

Em 25 de março de 1922 funda-se o Partido Comunista Brasileiro, constata-se um avanço do comunismo e o anarconssindicalismo perde força, há uma relação divergente entre partido e sindicato, ocorre a Criação do Conselho Nacional do Trabalho (influência dos sindicalistas amarelos – cooptação e controle do operariado e dos sindicatos (Idem, p. 235-236).

Ocorre a "Revolução de 1930" com o presidente Getúlio Vargas no poder, há neste momento um controle do movimento operário pelo e Estado; Criação do Ministério do Trabalho incorporação dos sindicatos ao aparelho estatal. Em 1943, Vargas sistematiza a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Divisão entre os Sindicatos oficiais – sindicatos livres (até 1937). Outras Mobilizações sindicais se desenvolvem como a: Criação em 1934 Frente Única Sindical, em 1935 originou a Confederação Sindical Unitária do Brasil; Formação da Aliança Nacional Libertadora: frente popular anti-imperialista e antifascista que congregava comunistas, socialistas, operários, setores progressistas das classes médias e estudantes (Idem, p. 236-237).

Os autores destacam que em oposição ao avanço dos sindicatos livres e as mobilizações dos trabalhadores “O Estado Vargas desfechou um violento ataque ao levante da ANL, chamado pela direita de *“Intentona Comunista”*. Neste momento, foi decretada a Lei de Segurança Nacional (LSN), lideranças sindicais e operários foram presos, o torturados, deportados e mortos, a exemplo do caso de Olga Benário, companheira de Luis Carlos Prestes, deportada para os campos de extermínio nazista”. “Até 1937, foram trancafiados nas prisões brasileiras aproximadamente vinte mil presos políticos” (Idem, p. 237).

Instituído o Estado Novo (1937-1945), houve uma maior repressão – controle e cooptação de dirigentes sindicais e trabalhadores combativos, com o fim do Estado Novo ocorreu a legalização do PCB, anistia aos presos políticos, criação do Movimento Unificado dos Trabalhadores em 1945, decretada a liberdade de organização partidária, criação da UND (União Democrática Nacionalista – partido da burguesia, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrata (PSD) (foram criados por Vargas visando receber apoio dos trabalhadores. Em 1946 criação da Confederação Geral dos Trabalhadores, um clima de anticomunismo internacional é instaurado visando a desarticulação dos movimentos e desaprovação popular das ideias comunistas. (Idem, p. 238)

O governo Dutra investe em novas repressões (PCB é colocada na ilegalidade, em 1960 formula-se o pacto de Unidade e Ação, em 1954 criação da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Brasileiros; 1955 Liga Camponesa da Galileia (Pernambuco); 1960 Movimento dos Trabalhadores sem Terra (RGS). No Governo Goulart (1961-1964) mobilizações urbanas e rurais espalham-se pelo país, criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (Contag), em 1933 ocorre a célebre greve dos 700 mil operários em São Paulo. Em seguida ocorre a “longa noite do sindicalismo brasileiro”, marchas convocadas pelas classes médias conservadoras; criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) concebido para substituir as normas existentes de estabilidade no emprego e para reduzir os custos imediatos de trabalhadores (Idem, p.238- 240).

O novo panorâmico histórico e em contraposição as mobilizações existentes, surge o “Novo Sindicalismo” sendo protagonizada do processo a CUT, no contexto de redemocratização Sindicalismo autêntico, tendo como perspectiva classista; Unidade sindical ou reformista: Seguidores dos Metalúrgicos de São Bernardo, “o sindicato deveria servir para reivindicatória, com um papel negociador”, cria-se a “Central Única dos Trabalhadores” em 1983 (originária no sindicalismo classista), acontece intensas mobilizações na década de 80, eclosão de greves gerais como a ocorrida em 1989 (35 milhões de trabalhadores), militantes do novo sindicalismo em 1980 fundam o Partido dos Trabalhadores.

O sindicalismo no contexto neoliberal, ocorre no processo de implantação das políticas de ajuste neoliberal a partir de 1990; “Reestruturação do capitalismo tardio”; Desmonte do Estado: privatizações, abertura comercial, redução dos investimentos na área social, desregulação da legislação trabalhista. As saídas para a crise brasileira – “visão socializadora”; *Sindicalismo de parceria*, de envolvimento, em 1991, no governo Collor, nasce uma nova Força Sindical organização de trabalhadores comprometidos com os setores empresariais e com a defesa do projeto neoliberal. Em contraposição, surgem outros setores sindicais: Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas); Intersindical – Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora. (Idem, p. 244-245).

Montano e Duriguetto finalizam o capítulo aqui apresentado, destacando "As Lutas e Movimentos pela Libertação nacional na América Latina". Sinalizam que o Movimento migratório europeu refletiu nas organizações sindicais em diversos países da América Latina, convergindo com o as histórias de lutas nas guerras de independência, tanto em países colonizados pela Espanha, ou mesmo pelo dominados por Portugal, caso brasileiro. No caso do Chile⁵ ocorreu de maneira efetiva a experiência socialista.

No início da década de 1990, a esquerda latino-americana teve seus movimentos armados duramente derrotados em praticamente todos os países por ofensivas ditatoriais, que tiveram os Estados Unidos como mentor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar os processos históricos de desenvolvimento do sistema capitalista, apresenta-se os interesses antagônicos entre as classes trabalhadoras e as classes dominantes (burguesas) este último acumulou a riqueza e a produção do conhecimento ao longo dos séculos, despropriando as classes trabalhadoras dos seus meios de produção e exploração da sua força de trabalho, através da mais valia, as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais gerou a desigualdade social acometendo os trabalhadores a pauperização.

Diante das condições precárias de vida e trabalho em que a classe trabalhadora foi submetida, logo após a centralidade das novas relações sociais e de trabalho pautar a vida na sociedade, tendo como norte os ideias liberais de individualismo e a fragmentação do tecido social, promovendo uma "desarticulação nas relações sociais", que foram impregnadas e propagadas pelo progresso econômico liberal.

Perante um cenário de exploração da classe trabalhadora pelos burgueses, apresentam-se nessas relações de conflitos de classes, as mobilizações dos trabalhadores avançaram no enfrentamento das péssimas condições de vida e trabalho. A partir do século XIX na Europa Ocidental revela-se mobilizações espontâneas e organizadas, algumas *ludistas e cartistas*, neste mesmo momento, desenvolvem-se as associações de trabalhadores locais, identificando seu potencial mobilizador e com o apoio de intelectuais como Karl Marx e Friedrich Engels criando Associações Internacionais e disseminando a ideologia socialista, inquietando os trabalhadores de todo o mundo no Manifesto do Partido Comunista em 1848 e convoca-os "trabalhadores de todos os países, uni-vos!".

Neste momento de efervescência dos movimentos dos trabalhadores espalhados pela Europa fortemente declarados e disseminados por Marx e Engels e um exército de trabalhadores

⁵ Para obter maiores informações sobre a experiência Chilena Socialista assistir o documentário "A batalha do Chile - O poder popular". Considerado pelo crítica como um dos melhores e mais completos documentários da América Latina. Apresenta-se as disputas políticas entre o partido da Frente Popular, representado por Salvador Allende, demonstrando as estratégias dos partidos de direita, assim como todo o investimento norte americano para suprimir/varrer as ideias socialistas e os processos organizativos dos trabalhadores. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=L_JHLTeRHr8. Acesso em 27/08/2013.

organizados, marcaram a trajetória de luta da classe trabalhadora na Europa, no Brasil e mesmo na América Latina.

Diante dos fatos históricos apresentados, fica evidente que os processos coletivos quando se mobilizam de maneira consciente mudam a histórica política e econômica de um país, colocando em cheque a supremacia dos interesses da classe dominante, em detrimento dos interesses da coletividade, conquistando direitos, avançando na implantação das políticas sociais, a lembrar dos chamados "trinta anos gloriosos" do pacto social conhecido como "Estado de Bem Estar Social" nos países centrais da Europa, entre os anos 40 e 70 do século passado, resultado das lutas da classe trabalhadora que lutou por melhores condições de vida e trabalho, através de políticas de pleno emprego, acesso a educação, saúde e moradia de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do trabalho no Brasil**. In: MÉSZÁROS, Istán. **Desemprego e Prezarização um desafio para a esquerda**. São Paulo, Boitempo, 2006.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2010.

GUZMAN, Patrício. **A Batalha do Chile - A insurreição da Burguesia. A Luta de um povo sem Armas**. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=L_JHLTeRHr8. Acesso em 08 de setembro de 2013.

IANNI, Otávio. **Pensamento Social no Brasil. A Questão Social**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 102-121.

IVO, Anete B. L. Assistência à pobreza e democracia: a caridade privada e a caridade pública em Alexis de Tocqueville. *Caderno de Resenhas*, SBS na Bibliografia complementar).

IVO, Anete B. L.. A Invenção do "Social" e a normatividade das Ciências Sociais: dilemas clássicos e tendências contemporâneas. *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro: IFCS/URFJ, v. 02, n. 03, p. 69-101, 2012. Disponível em: http://www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano2v3_artigo_anete-ivo.pdf.

IVO, Anete B. L.. *Viver por um fio*. Pobreza e políticas sociais. São Paulo: Annablume; Salvador: CRH, 2008.

MONTAÑO. C. e DURIGUETTO, M. L. **Estado, classe e movimento social**. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. **Cinco Notas a Propósito da "Questão Social"**. Texto de Intervenção no marco do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) promovido pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa Social (ABEPSS), realizado entre 21 e 24 de novembro de 2000, na Universidade de Brasília.

XVII SEMOC
Semana de
Mobilização
Científica
13 a 15 de outubro de 2014

UniverSidade
diálogos contemporâneos

PIERRE, Bourdieu. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

POLANYI, K. **A grande transformação. As origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Elsevier, [1944] 2012.